

FACULDADE JK DE TECNOLOGIA

UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS – UNAT –  
BRASIL

PÓS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL  
UTILIZANDO OS CONCEITOS DA ANÁLISE TRANSACIONAL**

BRUNA REZENDE CORRÊA

UBERLÂNDIA – MINAS GERAIS

2014

BRUNA REZENDE CORRÊA

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL  
UTILIZANDO OS CONCEITOS DA ANÁLISE TRANSACIONAL

BRUNA REZENDE CORRÊA  
UNAT-BRASIL - União Nacional de Analistas Transacionais  
Faculdade JK de Tecnologia

## **CONSIDERAÇÕES ACERCA DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL UTILIZANDO OS CONCEITOS DA ANÁLISE TRANSACIONAL**

Artigo de conclusão do curso apresentado  
à Faculdade JK de Tecnologia e à União  
Nacional de Analistas Transacionais –  
UNAT-BRASIL como requisito parcial  
do curso de Pós-Graduação para obtenção  
do título de especialista em Análise  
Transacional

Orientador: Ede Lanir Ferreira Paiva

UBERLÂNDIA – MINAS GERAIS

2014

## **CONSIDERAÇÕES ACERCA DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL UTILIZANDO OS CONCEITOS DA ANÁLISE TRANSACIONAL**

CONSIDERATIONS CONCERNING THE HOMOSEXUAL IDENTITY USING THE  
CONCEPTS OF TRANSACTIONAL ANALYSIS

BRUNA REZENDE CORRÊA<sup>1</sup>

UNAT-BRASIL – União Nacional dos Analistas Transacionais  
Faculdade JK de Tecnologia

### **RESUMO**

O foco principal deste artigo é fazer breves considerações acerca da identidade homossexual. Este estudo tem como objetivo apresentar a opinião de alguns autores sobre a formação da identidade e, em seguida, propor um diálogo entre o ponto de vista de Eric Berne e de Graham Barnes sobre a homossexualidade, a partir de conceitos da Análise Transacional. Por meio da revisão bibliográfica observa-se que psicoterapia proposta por Berne, destinada aos homossexuais, é um tanto quanto equivocada ao rotular e patologizar os homossexuais, e desconsiderar fatores importantes como a homofobia e a opressão social. É importante ressaltar que o pensamento de Berne é coerente com a forma como a questão era tratada na época em que escreveu.

**Palavras-chave:** Identidade. Homossexualidade. Análise Transacional.

### **ABSTRACT**

The main focus of this article is to make brief remarks about homosexual identity. This study aims to present the opinion of some authors on the formation of identity and then propose a dialogue between the point of view of Eric Berne and Graham Barnes on homosexuality, based on concepts of Transactional Analysis. Though this bibliographic review it was observed that the psychotherapy proposed by Berne for homosexuals is wrong at classifying and pathologizing them, and at disregarding relevant factors such as homophobia and social oppression. It is important to highlight that the thought of Berne is consistent with how this issue was treated at the time he wrote about it.

**Keywords:** Identity. Homosexuality. Transactional Analysis.

## INTRODUÇÃO DA IDENTIDADE E A HOMOSSEXUALIDADE

O interesse em realizar o presente estudo surge mediante constatações relacionadas ao grande número de pessoas homossexuais que procuram o atendimento clínico atualmente. Apesar da alta procura, a queixa não gira em torno da homossexualidade, mas de conflitos amorosos e familiares, desenvolvimento profissional, entre outros. Entendo que a curiosidade em compreender a questão, e uma pesquisa mais aprofundada sobre o assunto, auxiliará a prática clínica.

Moleiro e Pinto (2009), apontam como fatores para a alta procura de homossexuais pela psicoterapia as experiências discriminatórias, decorrentes das práticas homofóbicas, além dos conflitos nas relações familiares, afetivas e de trabalho. De acordo com eles o desenvolvimento pessoal e identitário, a redução do preconceito, o padrão heterossexista internalizado e a depressão, também são pontos chave na busca por acompanhamento psicológico.

Borges (2013) conta que é comum em sua prática clínica a procura de gays, lésbicas, bissexuais e familiares por atendimento, uma vez que não encontram materiais, como livros, artigos e filmes, que representem as peculiaridades de seus relacionamentos. Para ele, muitas questões como a autoaceitação, a visão social e o preconceito surgem pelo fato de que tais pessoas se espelham em padrões heterossexuais por falta de modelos homossexuais reconhecidos no âmbito social. Segundo o autor, por mais que algumas questões em relacionamentos sejam corriqueiras, é importante considerar a orientação e a identidade sexual dos indivíduos como uma saída às práticas discriminatórias.

O objetivo deste estudo, então, é o de expor a opinião de alguns autores sobre a formação da identidade, além de propor um diálogo entre a posição de Eric Berne e Graham Barnes acerca da homossexualidade, a partir de conceitos da Análise Transacional.

## A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE E A HOMOSSEXUALIDADE

Para a compreensão do fenômeno da homossexualidade, entendo como requisito a abordagem de questões ligadas à formação identitária. A identidade é um direito intransferível de todo ser humano, uma vez que cada indivíduo é único e singular. Conforme Silva (2008), o homem não vive em isolamento, e a evolução da espécie humana se dá graças ao convívio. A identidade surge, portanto, como forma de suprir a necessidade natural de individualidade e distinção entre cada membro.

De acordo com Noack (2007), a identidade é “o processo de ajuste de um interior subjetivo com um externo social, ou seja, a forma individual de localização em um espaço social e, assim, uma missão básica antropológica do homem” (p. 135). Para ela, tal conceito é composto por “um ‘eu’ ativo, um meio ou um meio ambiente externo e o mecanismo que possibilita este ajuste” (Noack, 2007, p. 135).

Segundo Erikson (1976) a identidade é formada por um processo simultâneo de reflexão e observação, onde o indivíduo julga a si mesmo a partir do modo como se sente julgado socialmente quando comparado aos outros e às figuras significativas para ele, ao considerar objetivos e valores. É um processo quase todo inconsciente, de constante evolução, em que a diferenciação se torna mais significativa conforme a pessoa aumenta sua consciência dos círculos em que vive, desde a família até a humanidade como um todo.

A formação da identidade, então, se dá dentro de um contexto, sendo necessário que o indivíduo tome consciência de suas características individuais, de modo que qualifique suas semelhanças e diferenças com os quais convive. Portanto, o autoconhecimento é de fundamental importância para o desenvolvimento do senso identitário, uma vez que o indivíduo se torna consciente dos papéis que desempenhará ao longo da vida, e faz isso com menor influência externa ao passo em que fortalece seu autoconceito.

Levin-Landheer (2010) classifica sete estágios do desenvolvimento humano, entre eles o estágio do *Poder da Identidade*. Segundo ela, ele ocorre entre três e seis anos de idade, quando surge a necessidade de repensar quem somos, inclusive quanto ao gênero (masculino ou feminino), e se repete periodicamente em fases que se desempenha novos papéis sociais. É um período com ênfase na capacidade de afetar o

outro, de ter poder, de separar a fantasia da realidade, de criar e destruir. É um momento de receber mensagens que digam que se pode descobrir e ser quem é, olhar para as próprias necessidades mesmo quando se detém poder, e imaginar sem medo de transformar em real.

Schoen-Ferreira *et al* (2003), fazem um levantamento em que vários autores ligam a formação da identidade ao período da adolescência, mas afirmam que tal processo não se limita a cronologia dessa fase, que termina por volta dos vinte anos de idade. Elas concluem que a construção da identidade se alonga até que o indivíduo se estabeleça profissional e financeiramente, e vivencie relacionamentos moderadamente estáveis.

A formação da identidade sofre influência de vários fatores. Depreendo que pessoas de sexos opostos constroem seu senso identitário de modos distintos, uma vez que há a expectativa de que exerçam papéis diferentes em sociedade. Além disso, as características pessoais - inatas, o ambiente, a necessidade de pertencimento, as permissões e proibições, os modelos parentais e de figuras de autoridade, as mudanças físicas, o estilo de vida, a escolha profissional, o desenvolvimento intelectual, a maturidade cognitiva, entre outros, também exercem controle sobre a construção da identidade do indivíduo, uma vez que embasam a formação de crenças e valores, além dos planos e objetivos para o futuro.

A formação da identidade sofre influência de fatores *intrapessoais* (as capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade), de fatores *interpessoais* (identificações com outras pessoas) e de fatores *culturais* (valores sociais a que uma pessoa está exposta, tanto globais quanto comunitários) (SCHOEN-FERREIRA *et al* 2003, p. 107).

As autoras ainda completam que é necessário conhecer os valores familiares e sociais de forma clara e objetiva, para que ao construir a identidade, seja possível questioná-los ou aceitá-los.

James e Jongeward (1975), escreveram sobre a identidade pessoal e sexual, e apontam como fatores importantes para o desenvolvimento identitário o nome, as proibições e as permissões ligadas às brincadeiras infantis, a visão de Oqueidade em relação aos aspectos sexuais do corpo, as influências parentais e os Jogos Psicológicos. Para elas, o nome, bem como o sobrenome e os apelidos, têm forte influência na

identidade do indivíduo, devido à mensagem, à tradição e ao sentimento emocional que carregam.

Além disso, afirmam que o brincar é uma das diversas formas que a criança dispõe para descobrir sua identidade, pois é quando testa suas forças e habilidades, tem a oportunidade de experimentar vários papéis, inclusive os sexuais, e recebe permissões ou proibições advindas dos adultos. Já os Jogos Psicológicos influenciam na construção do senso identitário ao envolverem as intenções ulteriores que as crianças terão na fase adulta.

Além de desenvolver uma identidade como pessoa, também desenvolvemos uma identidade sexual. Assim como a maioria das crianças têm uma sensação básica a seu respeito de serem OK, ou não-OK, o mesmo se dá em relação ao sexo a que pertencem. Alguns desenvolvem uma identidade sexual saudável e realista; outros não. Embora feminilidade e masculinidade sejam fatos biológicos, a sua aceitação é determinada psicologicamente pelo que a criança aprendeu a sentir em relação ao seu sexo (JAMES E JONGEWARD, 1975, p. 174).

Para as autoras, isso significa que a identidade sexual da criança é construída, em especial, pelas reações dos pais ligadas à sexualidade. Sejam elas: o desejo deles em relação ao sexo do bebê, a visão do progenitor do sexo oposto sobre o sexo do indivíduo, a forma como o progenitor do mesmo sexo se apresenta como modelo, e a repressão de atividades espontâneas pelos pais.

Alguns pais apesar do amor que sentem, não conseguem esconder o desapontamento ao gerarem um filho de sexo oposto ao esperado.

Crianças cujo sexo não é aceito pelos pais provavelmente rejeitarão o próprio sexo. Poderão tentar viver à custa da própria identidade sexual real. [...] Embora essas influências raramente levem à homossexualidade ou ao lesbianismo, poderão em alguns casos determinar certos desvios (JAMES E JONGEWARD, 1975, p. 175).

Além disso, a identidade sexual sofre forte influência pela forma como a criança se vê pelos olhos dos pais. As sensações de Oqueidade estão ligadas às expectativas dos pais em relação a masculinidade e a feminilidade.

Ainda segundo as autoras, a criança identifica-se por meio de atitudes e comportamentos, positivos ou negativos, imitando o pai - no caso do menino - ou a mãe - no caso da menina, buscando definir como *devem ser*. Crianças que convivem com uma quantidade limitada de adultos escolhem seus pares no ambiente como modelos supostamente aceitos. Aquelas que não convivem com modelos adequados em geral

desconfiam ou não gostam de pessoas do mesmo sexo. E, por fim, se a espontaneidade da criança em se expressar parecer imprópria para os adultos, aspectos de sua personalidade poderão ficar mal desenvolvidos, e ela passará a agir disfarçadamente, por meio de “máscaras sociais”.

Como já fora mencionado, a formação da identidade sofre influência das permissões e proibições que o indivíduo recebe desde a tenra idade. Ao analisar o trabalho de James e Jongeward (1975), entende-se que no âmbito sexual é comum receber injunções ligadas à curiosidade sexual e à exploração dos genitais, no lugar de aceitação por tal investigação natural e orientação para que se comporte de forma aceitável em sociedade. Aparentemente, é mais simples restringir e evitar o assunto a discuti-lo. Daí surgem os tabus sexuais e uma busca por agradar pais e figuras de autoridade ao descobrir o que eles acham certo ou errado no que diz respeito à sexualidade. É possível que surjam, também, questões ligadas à homossexualidade.

Dias (2006) apresenta um histórico sobre o termo homossexualidade, e afirma que fora criado por um médico húngaro em 1869. Formado pelas palavras grega *homo* – semelhante – e latina *sexus* – sexualidade –, significa “sexualidade semelhante”, e exprime a idéia de semelhança ao sexo que a pessoa gostaria de ter ou de sexualidade vivenciada com alguém de mesmo sexo.

Pereira e Leal (2005), fizeram um levantamento bibliográfico e apontam na literatura alguns fatores que influenciam diretamente a formação e a expressão da identidade homossexual. Sejam eles: a aceitação por parte dos pais, que leva a uma boa adaptação psicológica do indivíduo; a rejeição pelos progenitores, quando aumenta a agressividade física e verbal ao filho; os valores morais familiares; os modelos parentais e o estilo de vida imposto por eles e as figuras significativas; o apoio advindo dos grupos sociais em contrapartida à falta de apoio familiar; entre outros. Os autores ainda afirmam que pode haver uma “homofobia internalizada”, provocadora de uma confusão no processo de formação identitária e na autoaceitação.

Ainda segundo Pereira e Leal (2005), a homossexualidade deixou de ser utilizada como um critério para diagnóstico de patologias mentais em 1973. Desde então os governos ocidentais começaram a aprovar leis que garantem os direitos dos homossexuais enquanto seres humanos, e tornou-se nítida a relativa mudança de postura social em relação à expressão da sexualidade dessas pessoas.

James e Jongeward (1975) afirmam que:

O comportamento homossexual pode ocorrer por uma variedade de razões, incluindo circunstâncias psicológicas, sociológicas, biológicas e de posicionamento. A tendência para o comportamento homossexual está provavelmente relacionada às primeiras sensações da Criança Natural e a falta de adaptação heterossexual adequada. Quando nasce, a criança não está programada para saber em que direção suas sensações sexuais deverão ser dirigidas. Só deseja satisfazer seus impulsos e sentir seu próprio prazer. Parece que sua Criança Natural não faz discriminação sexual. O desenvolvimento da *preferência* heterossexual posterior é muito influenciada pelas experiências da criança nos primeiros anos de vida (JAMES E JONGEWARD, 1975p. 175).

Para Dube (2000), citado por Pereira e Leal (2005), a formação da identidade homossexual sofre forte influência de comportamentos homossexuais, como a prática sexual entre pessoas de mesmo sexo, que culmina na conscientização das atrações homoeróticas. Em minha prática clínica é comum surgirem casos em que os clientes afirmam que se tornaram efetivamente homossexuais após vivenciarem relações sexuais com alguém do mesmo gênero, por curiosidade, por pressão social ou em situações de abuso.

## CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE TRANSACIONAL

Em 1958, Eric Berne publicou um artigo que deu início a teoria denominada Análise Transacional (AT). Trata-se de uma teoria da personalidade, voltada para o crescimento e mudança pessoal, a qual possui um conjunto de técnicas de mudanças positivas que possibilitam o desenvolvimento de potencial e capacidades inatas ao ser humano.

Alguns conceitos da AT auxiliam nos estudos sobre a formação da identidade, em especial, os Estados de Ego, os Jogos Psicológicos e o *Script*. Berne (1985) diz que:

Um Estado de Ego pode ser descrito *fenomenologicamente* como um sistema coerente de sentimentos, relacionados a um dado sujeito e *operacionalmente* como um conjunto de padrões coerentes de comportamento; ou ainda, do ponto de vista *pragmático*, como um sistema de sentimentos que motiva um conjunto de padrões de comportamentos afins (p. 17).

Ao expor o conceito de Jogos Psicológicos afirma que:

Um jogo é uma série de transações ulteriores que se desenrolam até um desfecho definido e previsível. Pode ser descrito como um conjunto repetido de transações, não raro enfadonhas, embora plausíveis e com uma motivação oculta. Para definir de maneira simples, jogos são constituídos por uma série

de lances com uma cilada ou 'truque' no meio ou no fim (BERNE, 1977, p. 49).

Além disso, define o *Script* como “um plano de vida baseado numa decisão feita na infância, reforçado pelos pais, justificado por acontecimentos subseqüentes e culminando com uma alternativa escolhida” (BERNE, 1988, p. 356).

Berne (1985) ao trabalhar o conceito dos Estados de Ego no caso de um de seus pacientes, percebeu a necessidade de fazer conclusões acerca de novos elementos que complementariam tal teoria. A partir disso, ele inferiu sobre a existência de três instâncias: os fenômenos, os determinantes e os organizadores.

Os *fenômenos* são conhecidos como os Estados de Ego: *Pai*, *Adulto* e *Criança*. Basicamente, o primeiro corresponde aos comportamentos, sentimentos e pensamentos copiados, aprendidos com as figuras parentais - características educadoras e proibitivas; o segundo corresponde aos comportamentos, sentimentos e pensamentos como reações diretas ao aqui e agora; já o terceiro corresponde aos comportamentos, sentimentos e pensamentos como manifestações da infância - pensamento pré-lógico, percepções distorcidas. Os fenômenos influenciam a construção da identidade de maneira que o indivíduo constrói a visão de si mesmo, suas crenças e valores, a partir daquilo que os adultos ensinam e apresentam como modelo, do exame que faz das experiências vivenciadas, e das emoções gravadas e internalizadas quando criança.

Os *determinantes* “são fatores que determinam a qualidade da organização e dos fenômenos, isto é, estabelecem sua programação” (BERNE, 1985, p. 222). Tal programação pode ser: *interna*, *de probabilidades* ou *externa*. A primeira provém de forças biológicas naturais, que influenciam qualquer um dos organizadores e, conseqüentemente, os fenômenos resultantes; a segunda decorre do processamento autônomo de dados, baseado em experiências vivenciadas; já a terceira provém de exemplos externos que foram incorporados.

Os determinantes também atuam no processo de formação da identidade, especialmente pelas características físicas e mudanças corporais. E, assim como os fenômenos, influem na constituição identitária por meio das conclusões levantadas a partir dos eventos que ocorrem no cotidiano e na cópia - ou não - dos modelos aprendidos.

Por fim, são *organizadores*, também conhecidos como “órgãos psíquicos”: a *arqueopsique* - composta pelos instintos arcaicos; organiza a programação interna -, a *neopsique* - responsável pelo processamento de dados; organiza a programação de probabilidades - e a *exteropsique* - dedicada aos Estados de Ego emprestados; organiza a programação externa. Cada organizador possui duas funções, independentes entre si. Sendo assim, “a primeira se destina a organizar os determinantes e transformá-los em influências efetivas, e a outra a organizar os fenômenos” (BERNE, 1985, p. 222). Os organizadores agem sobre a criação do senso identitário por meio do arranjo dos impulsos fisiológicos, das visões formadas sobre as experiências vividas e das influências internalizadas dos progenitores ou figuras significativas.

Graham Barnes realizou, em 2005, um estudo sobre a homossexualidade nas três primeiras décadas da Análise Transacional, em que discute a forma como Berne tratava a questão. Barnes faz uma crítica à posição de Berne, na qual afirma que “a psicoterapia do paciente homossexual gera a teoria, a teoria cria a psicopatologia da homossexualidade, e, em retorno, a psicopatologia da homossexualidade produz uma nova teoria” (BARNES, 2005, p. 330). Tal censura vem do fato de que, para Barnes, a psicoterapia realizada por Berne precede a visão psicopatológica da homossexualidade ao levar em consideração o conceito do *Script* de Vida, além de apagar da AT o conceito de homossexualidade ao transformá-lo e integrá-lo ao conceito do Estado de Ego Criança.

Barnes (2009) levanta e expõe anotações de Berne sobre o tratamento destinado a um paciente em um grupo que acompanhara, e aponta o enfoque dado a quatro grandes temas acerca da homossexualidade e dos homossexuais. Sejam eles:

1. Os homossexuais têm que superar sua hostilidade e medo das mulheres e vê-las como pessoas reais. Encontrando a mulher correta restaurará sua potência heterossexual.
2. A homossexualidade está relacionada com padrões da primeira infância. As crianças nascem normais, mas alguns pais programam seus filhos para serem homossexuais desde uma tenra idade.
3. As pessoas têm que controlar seus sentimentos sexuais.
4. A homossexualidade é um problema de identidade (em concordância com Erikson, 1950) (Barnes, 2005, p. 335).

Segundo Barnes (2009), Berne afirma que os homens que se sentem amedrontados diante das mulheres, expressam seus impulsos sexuais ao se interessarem por homens, o que não deve ser tratado como um comportamento homossexual e/ou um

problema, visto que as pessoas têm tanto hormônios femininos quanto masculinos, que têm alguma influência psicológica, apesar de ser comum reprimirmos os efeitos dos hormônios do sexo oposto. Para Berne, tal “problema” pode ser resolvido ao vivenciar boas relações com mulheres, e descreve o “‘sexo normal’ como as relações genitais com o sexo oposto” (BARNES, 2009, p. 336).

Barnes discorda do ponto de vista de Berne de que um homem gay ao encontrar a mulher correta e fazer sexo com ela pode tornar-se heterossexual, e defende a idéia de que a atividade sexual entre pessoas de gêneros opostos não modifica a preferência de ninguém.

Barnes (2009) afirma que Berne nunca produziu nada de positivo acerca da questão da atividade sexual homossexual, e conta que para este não há sexo legítimo – saudável - entre duas mulheres ou dois homens. Berne diz que o homem vê a mulher como real quando ela é objeto de desejo sexual ou faz sexo com ele, o que não acontece na homossexualidade.

Barnes (2009) prossegue apresentando a opinião de Berne de que todos nascem normais, com potencial de reagir de forma satisfatória às vivências da primeira infância, e permanecem assim até sofrerem influência do *Script* parental ou vivenciarem padrões anormais, como por exemplo, o incesto, o abuso sexual, a culpa pelo prazer e as relações homossexuais, que interferem não só no desenvolvimento normal, quanto na formação do *Script*. Essa ideia levou à construção do conceito de Oqueidade. Barnes diz que o indivíduo que procura a terapia busca se aceitar como é e não resgatar a normalidade com a qual nasceu, mesmo porque de acordo com Berne, ele não experimenta essa normalidade, sendo carente da mesma.

De acordo com Barnes (2009), Berne afirma que a homossexualidade é programada pelos pais na maioria dos casos, uma vez que o fator mais importante é o *Script* deles - a relação de mesmo sexo não é livre de *Script* e nem de Jogos Psicológicos - e completa que a homossexualidade que vem da infância é mais difícil de ser tratada. Para ele os homossexuais são vítimas dos programas parentais e de suas próprias decisões na infância, visto que são as causas dessa psicopatologia. Aqui, Barnes critica novamente o fato de Berne querer tratar a homossexualidade como uma patologia que precisa de cura, sendo que ela apenas é imposta pela própria psicoterapia.

Barnes (2009) exhibe a opinião de Berne de que como os problemas psicossociais são causados apenas por influências parentais na primeira infância, a posição de que os indivíduos são vítimas do ambiente é duvidosa. Barnes novamente alega que a homossexualidade não é doença ou resultado de problemas no desenvolvimento, mas “uma psicopatologia que existe em teorias, não nas pessoas antes da psicoterapia plantar a psicopatologia nelas” (p. 342). Para ele a teoria cura a si mesma ao criar a patologia.

Barnes (2009) discorre sobre a convicção de Berne de que a psicoterapia pode curar a homossexualidade a partir do momento em que os homossexuais queiram ser curados, e que os meios de cura estão livres de atividades sexuais com outros homens. E, mesmo afirmando que a maioria não quer ser curada, e procura a psiquiatria apenas para aliviar sintomas físicos recorrentes.

Para Barnes a terapia não cura a homossexualidade, até pode haver a possibilidade de mudar a conduta homossexual, mas não muda o desejo sexual e a condição emocional, o que pode levar o indivíduo a um desespero profundo, com o desejo de suicídio, por exemplo, visto que a vida perde o sentido. Segundo ele, a terapia não melhora o sentimento de vergonha e ódio a si mesmo, pois só reforça os sentimentos destrutivos – leva o paciente a se ver com uma psicopatologia que é imposta pela própria psicoterapia. A cura seria para Berne a conversão em heterossexual, como na teoria biológica em que se apoiou, que afirma que gays e lésbicas estão destinados a serem heterossexuais.

Em sequência Barnes (2009) expõe a afirmação de Berne de que descobrir uma forma de controlar os pensamentos e sentimentos sexuais é uma grande questão na vida dos seres humanos, e que a psiquiatria oferece alternativas eficazes, como a canalização de tal energia para outras situações cotidianas. E, assegura que todas as pessoas passam por um grande teste ao nascer, afim de confirmar se são meninos ou meninas, e a homossexualidade surge quando não estão seguras de sua masculinidade ou feminilidade por diversas questões, como quando os pais desejavam um filho de outro sexo. Barnes discorda com a idéia de que seja possível controlar sentimentos no âmbito sexual, e critica o fato de Berne compartimentalizar o sexo, separando-o de outras vivências.

Barnes (2009) censura o fato de que para Berne uma relação de amizade não pode ter duração se há relação sexual e que, por isso, homossexuais não conseguem

vivenciar relações de amizade com pessoas do mesmo gênero. Para ele homossexualidade implica Jogo e cria situações em que Jogos são jogados, visto que ela se origina de um *Script*, e mesmo se a pessoa tomar consciência e parar de jogar, ainda será desviada por sua psicopatologia homossexual. Berne aconselha os homossexuais a abandonarem o comportamento de Jogos, pois como jogadores usam a sensualidade por prazer ou como isca, satisfazendo o desejo de se manterem assim, com o poder de viverem razoavelmente seu caminho em uma vida solitária de “Perdedores”.

Barnes (2009) pondera que para Berne muitas incapacidades resultantes da homossexualidade, surgem dos Jogos, e que os homossexuais perdem muito tempo e energia jogando, quando poderiam aplicá-los a outros fins, como a liberdade de usufruir aquilo que é oferecido por uma sociedade rica, ao invés de se arriscarem em Jogos de Terceiro Grau, como os que levam ao homicídio. Barnes considera que Berne ignorava outros estudiosos que apontavam os homossexuais como uma minoria oprimida por uma sociedade que tratava a homossexualidade como um crime, assim como desqualificava o fato de que as ameaças de suicídio de seu paciente estavam ligadas às práticas homofóbicas e à opressão social.

Barnes (2009) relata que para Berne os homens gays são “extra-sexuais” e não resistem à tentação de fazer sexo a qualquer momento e em qualquer lugar e, então, a psiquiatria é enviesada porque os jogadores mais agressivos e exitosos não procuram tratamento psiquiátrico, e os materiais disponíveis na literatura, em maior parte, correspondem a parceiros passivos. Barnes acredita que os jogadores mais agressivos e bem sucedidos, assim classificados por Berne, não precisam de tratamento e parceiros passivos não necessitam ou procuram tratamento para sua passividade ou homossexualidade. E confirma sua opinião com o estudo de Evelyn Hooker, em 1965, que comparou grupos homo e heterossexuais buscando descobrir se os homossexuais revelariam níveis mais elevados de psicopatologia. Ela concluiu que gays se diferem entre si tanto, quanto os heterossexuais, e constatou que o trabalho de rotular, como diagnóstico de homossexualidade, é em si patológico.

Por fim, Barnes (2009) evidencia a posição de Berne de que os homossexuais procuram a terapia apenas como forma de descobrir meios de se sentirem melhor vivendo seus *Scripts*, e não para abandoná-los. Como, para Berne, a homossexualidade está ligada ao *Script* e conseqüentemente aos Jogos, afirma que os gays buscam a

psicoterapia para jogar com seus terapeutas e que, portanto, estes necessitam confrontá-los. Aqui Barnes censura o exemplo de confrontação dado por Berne, que sugere que o terapeuta fale sobre os genitais do paciente homossexual que senta de pernas abertas para se exhibir. Barnes conclui que se Berne tivesse incluído a si mesmo em sua teoria, não teria se atentado aos genitais de seu paciente.

## CONSIDERAÇÕES

Ao propor um diálogo entre os registros do tratamento destinado por Berne a um paciente em um de seus grupos, e a crítica de Barnes ao trabalho do autor, construída em cima de tais descrições, é possível realizar algumas considerações. A princípio, é necessário entender que a homossexualidade existe como prática social e que é preciso ter cuidado ao lidar com essa questão, para que não seja abordada como um rótulo patológico, ideia também defendida por Barnes.

Berne afirma que a homossexualidade é causada por influências parentais e vivências na primeira infância, que agem diretamente sobre a formação de uma programação de vida, o *Script*. Para ele todos nascem normais, capazes de enfrentar os fatores mencionados acima, mas devido à vivência de padrões anormais perdem tal capacidade. As que experiências vivenciadas na tenra idade podem sim influenciar a formação de um *Script*, mas, como dito por Barnes, não deve ser visto como algo normal – positivo - ou anormal - negativo, de modo que a psicoterapia, ao invés de versar o que Berne chamou de Oqueidade, auxilie o indivíduo na busca de aceitar-se como é, ao invés de rotulá-lo.

Em relação ao sexo, é inadequada a posição de Berne de que as relações sexuais entre pessoas de gêneros diferentes podem trazer a “cura” para a homossexualidade. Essa posição é apoiada por minha prática clínica, em que muitos clientes afirmam manterem relações sexuais e sentirem prazer com pessoas de ambos os sexos, mas preferirem o sexo com as pessoas de mesmo gênero. Além disso, compreendo como sexo saudável aquele que as pessoas se cuidam, trocam afeto, e se protegem de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), e não aquele em que o objeto de desejo é do sexo oposto, como definido por Berne.

Sobre a opinião de Berne de que a homossexualidade implica em prática de Jogos Psicológicos, uma vez que está ligada ao *Script*, é aconselhável ter cautela ao fazer tal afirmação e desconsiderar as influências do ambiente. A postura de Berne, criticada por Barnes, é pouco sensata ao desconsiderar a opressão social e a homofobia como reação ao aumento das práticas homossexuais, e desqualifica os fatores que podem levar à ocorrência do que o próprio Berne classificou como Jogos de Terceiro Grau, que podem provocar homicídios e até suicídios, visto que os indivíduos tornam-se, muitas vezes, desinteressados pela vida.

Nesse ínterim, é mais coerente o pensamento de Barnes de que a homossexualidade não é uma doença ou resultado de um problema de desenvolvimento do indivíduo advindo de sua infância, e que, devido a isso, a atitude de Berne adotada no tratamento de homossexuais é equivocada. É importante dizer que Berne agiu de acordo com a visão e postura de sua época, uma vez que morreu em 1970 e a homossexualidade só foi excluída da lista de desordens psiquiátricas alguns anos depois. Desse modo, não o autor não pode ser considerado homofóbico ou preconceituoso, visto que a forma de agir frente à homossexualidade mudou muito, apenas depois de sua morte.

Por fim, é importante ressaltar que ao buscar uma cura de uma patologia que é criada a partir de um rótulo, apenas reforça-se emoções e sentimentos destrutivos, o que abre também a possibilidade de posterior discussão de valores e teorias biológicas. Logo, a psicoterapia deve proporcionar aos indivíduos uma melhor qualidade de vida e não uma patologização de sua identidade e preferência sexuais.

#### REFERÊNCIAS

BARNES, G. *La homossexualidad en las primeras tres décadas del Análisis Transaccional: um estudio de teoría en la práctica de la psicoterapia com Análisis Transaccional*. Premios en Memoria de Eric Berne 1971-2008. Ciudad de México: Editorial IMAT, 2009.

BERNE, E. *Os Jogos da Vida*. São Cristóvão: Artenova, 1977.

BERNE, E. *Análise Transaccional em Psicoterapia*. Tradução Lúcia Helena Cavasin Zabotto. São Paulo: Summus, 1985.

BERNE, E. *O que você diz depois de dizer olá?*. Tradução Rosa R. Krausz. São Paulo: Nobel, 1988.

BORGES, K. *Muito além do arco-íris: amor, sexo e relacionamentos na terapia homoafetiva*. São Paulo: GLS, 2013.

DIAS, M. B. *União Homossexual: o preconceito e a justiça*. 3ª ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2006.

ERIKSON, E. *Identidade, Juventude e Crise*. Zahar: Rio de Janeiro, 1976.

JAMES, M.; JONGEWARD, D. *Nascido para vencer: análise transacional com experiências Gestalt*. Tradução Maria Eunice Paiva. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1975.

LEVIN-LANDHEER, P. *O Ciclo do Desenvolvimento*. Prêmios Eric Berne 1971-1997. 4ª ed. Porto Alegre: UNAT-BRASIL, 2010, p. 181-200.

MOLEIRO, C.; PINTO, N. *Diversidade e Psicoterapia: Expectativas e experiências de pessoas LGBT acerca das competências multiculturais de psicoterapeutas*. Ex æquo, n.º 20, 2009, pp. 159-172. ISCTE-IUL - Instituto Universitário de Lisboa.

NOACK, J. *Reflexões sobre o acesso empírico da teoria de identidade de Erik Erikson*. Interação em Psicologia, Curitiba, jan./jun. 2007, (11) 1, p. 135-146.

PEREIRA, H.; LEAL, I. P. *A identidade (homo)sexual e os seus determinantes: Implicações para a saúde*. Análise Psicológica (2005), 3 (XXIII): 315-322.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. *A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório*. Estudos de Psicologia, 2003, 8(1), 107-115.

SILVA, A. S. *Direitos da personalidade – direito à identidade: a autonomia jurídica sobre o direito ao nome, sob o viés constitucional civilista*. Monografia apresentada ao Curso de Direito da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, para a obtenção do título de Bacharel em Direito. Santa Cruz do Sul, junho de 2008.

F, para servir os efeitos legais e educacionais, da Professora Esp. Eda Lúcia Ferraz Pereira, Presidente da banca, lamento a ausência de que será atestado por mim assinado e pelos demais integrantes da Banca Examinadora.

Uberlândia-MG, 11 de outubro, de 2014.

Prof. Presidente da Banca

Profª Esp. Ferraz Pereira, Eda Lúcia

Profª Dra. Ana Lúcia R. de Oliveira